



# UM PRINCIPIO

## E UMA OBRA

A Obra da Rua tem sido para o mundo, uma coisa nova. Nova, num mundo velho, afeito a falsos preconceitos e a falsas teorias. Bem entendido, no capítulo de educação de rapazes, como os que a nossa Obra acaricia. Tudo velho, a Casa do Gaiato ideia nova. Espanto e mais espanto: *como é possível existir, viver uma instituição assim?* Perguntam vários. Mas, felizmente, é verdade; vive, existe e existirá, quando, entretanto, *fôr de rapazes, para rapazes, pelos rapazes*. Aqui sim, reside senão a principal, pelo menos a verdadeira pedra de toque, do que jamais houve no genero, dentro do país que nos viu nascer. Coisa nova!

Alguns de nós, dos mais crescidos, dos mais inteligentes, desta maneira pensamos. Raciocinamos e verificamos e aplicamos, o que há de mais belo e feliz, dentro da Casa que nos ampara, nos protege, nos vela.

A Obra é de rapazes. Sim, de rapazes. Nós no campo. Nós nas oficinas. Nós na vida doméstica. Nós, enfim, em tudo.

*Para rapazes*. Como os que as Casas do Gaiato abrigam. Retirados dos meios pestilentos. Por vezes inabitáveis e impróprios dum ser humano viver, de acordo com as verdadeiras razões da existencia humana. São esses, os sem eira nem beira, os pequenos criminosos, os dos caminhos, os votados ao ostracismo, esses é que a Obra para os rapazes da rua, recolhe em verdadeiros lares familiares. Autentico complemento, do metodo pedagogico moderno. Nada de instituição. Nada do que há de mais morto, para a vida do adolescente, da mocidade em flor. Nada disso. Amor, ar puro, boa cama e mesa, moral, portas abertas, liberdade... e que seja *de rapazes, para rapazes pelos rapazes*. De facto, coisa nova num mundo envelhecido!

A voz do Gaiato tem revolucionado e se a semente ainda não produziu por completo os seus fecundos frutos, as gerações vindouras, por certo, os receberão. *Tem sido difícil e bem difícil, implantar uma coisa nova em Portugal*, disse, em algures, o nosso Pai Américo e com inteira razão. Mas, o povo diz, e a tradição mostra que tem razão, o *que doi é que cura*.

Os maus poderão ser bons. Aqui uma verdade. Verdade incontestável. Se um homem cai, o mesmo se poderá levantar. Na nossa grande Família, quem tem unhas toca viola. Os ingleses têm uma expressão aplicável, *self-government*. Mais beleza dentro duma Obra bela. Nós somos os condutores de nós próprios. Nada mais eficaz para a formação dum homem individual, para se ser um verdadeiro homem, util a tudo e a todos. Conduzir-se por si mesmo. Foi a Obra da Rua,

a primeira que assim prégou, pela única vez, aos quatro cantos do nosso país. Há insatisfeitos, incompreensíveis; que Deus lhes dê luz, mas a Obra é uma realidade. Para quê perceptores? Nada disso. *Homem, sê o condutor de ti mesmo*. Quantos não foram grandes, recorrendo unica e simplesmente às suas forças! Caiu, levantou-se. É da natureza humana. Somos fracos pela mesma natureza. Não se atinge perfeição sem persistência. É outra verdade.

Evidentemente que, para ser *pelos rapazes*, é indispensável que seja por eles. E é, sim senhor. Vejamos, o que há de mais recente, o que se passa no Lar do Porto. Rapazes, naidade tempestuosa e ingrata da adolescência, por vezes vítimas da indecisão, esses mesmos, governam-se por si próprios, com um chefe eleito em comunidade, no primeiro mês do ano. Mais espanto... É verdadeiramente a prática, da verdadeira razão deserta da nossa Obra. O que vai pelo Lar do Porto, é para se gozar. É uma consoladela! Mais uma prova para pedirmos á Providencia que ilumine os nossos companheiros do Lar do Porto, logicamente, em primeiro lugar, o seu chefe. Tarefa terrível esta! Só quem por ela passou é que sabe. Sujeito a tudo, incompreendido por vezes, lutando contra as adversidades.

Sejamos coerentes. Casualmente, poderá algum desviar-se da recta intenção. É preciso ainda que o mundo saiba e digo alto e em bom som; a Obra não vive só de um e para um; vive de todos e para todos. No Lar há amor, devoção, paixão. Um só ideal entre eles, *a nossa Obra*. O chefe preside a tudo, ele foi eleito democraticamente, com opposição... Mas desde a altura que se aposentou da chefia, perante uns e outros, não mais houve para ele distinções, depois duma campanha eleitoral de boa fé. De partidos, a sem partidos. Agora só um fim, a união de todos, em proveito da nossa Obra. Ela faz a força. E a força coesiva, difficilmente é vencida. Ele vigia e aconselha os desregrados. Com amor. Sim, amor e não com ódio e mais. Ele o chefe, repreende, pois claro. Castiga, pois sim. Sacrifica-os da mesma forma. Se não fosse um deles o chefe, gerava-se a revolta, senão exterior, interiormente. É assim e estou disso certo em muitas partes. Deus ilumina todos. E dá muita vida ao nosso Pai Américo, a quem Deus tocou no coração, e lhe abriu caminho para a realização do que há de mais belo, de mais sublime, de mais humano e social, que é a Casa do Gaiato: *a Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes*. Um principio que me não canso de

# Mais Barredo

Eu tinha celebrado nos Congregados, por ter ido dormir ao Lar do Porto, para estar umas horas com os nossos que ali moram; eles são trinta. Nada de especial ali me levou, a não ser a presença. E' necessário aparecer para não perder os direitos. A posse. Eu quero que eles sejam meus.

No fim da missa fui tomar café à Brasileira. Quase sempre pagam outros. Nesta maré foi assim; *está pago*. Melhor, disse eu baixinho. Mais tenho que dar. O povo tem a intuição das coisas. Ele sabe perfeitamente que tudo quanto nos dão é para dar.

Desci Mousinho e S. João. Olhei o rio. Chusmas de trabalhadores ao alto, dizem que não há tráfego. Os portos são índice. A prosperidade dos tempos, lê-se neles. Os homens ribeirinhos são livro aberto; eles buscam ali a vida. E' esta mesma palavra que eu oiço ao perguntar pela sorte dum ou outro doente: *Andava na vida do rio*. Começo pela Fonte Taurina. Ali mesmo à entrada, uma formosa criança muito triste e muito suja, namora um caixote... Usava sobretudo azul que tinha sido doutro maior. Eu parei a distância. O pequenino mirava e remirava o caixote. Queria comer... Prosegui e uns metros adiante, não sei porque bulas vim a parar junto de uma porta. Estava ali uma mulher com duas crianças ao pé. Era a mãe do pequenino! Ele chegara pouco depois. A mãe abre a porta e quer que eu entre. Em duas palavras diz-me tudo. A família vive dentro dum portal. No pavimento dormem os pais e uma velhinha. E as crianças aonde dormem? Aonde dormem as cinco crianças?

A miséria é criadora. O pai de família, suspende do teto um estrado de cinco tábuas e à noite arruma ali os filhos! Eu vi. Eu sou testemunha.

São dez horas. Deixo a Fonte Taurina e dou volta por lugares semelhantes. Subo ao terceiro

andar. Não há luz. E' preciso ir devagarinho encostado ao corrimão. E' uma doente. Vai para um ano que está na cama. Quando entrei ela tossia e fez o mesmo durante o tempo que ali me demorei; tanto que nem podia falar. E ela queria falar. Sobre o leito dormia um gato e aos pés uma criança, que se senta e pede de comer. *Eu quero o meu café* dizia o rapaz. *Minha avó, eu quero o meu café*. Notei o artigo definido que o rapaz emprega; ele queria dizer a sua refeição matinal. Aquilo a que todos nós estamos afeitos. Aquilo a que ele tem direito; *eu quero o meu café*. Grande palavra ouvi eu pronunciar! A avó aparece. Disse-me que não; que nunca tinha vindo ali médico nenhum, quando lhe perguntei por isso. Que a doente é sua filha; que o rapaz é neto e que te ela também tem filhos da idade dele e que á noite ficam ali todos.

Despeço-me, com promessa de regressar. A avó, acompanha-me até fóra do quarto, e diz-me da sua aflicção. Ela sabe o que é a doença da filha. Compreende o perigo das crianças, algumas das quais dormem com a doente. Nunca ali foi um médico!

São onze horas. Pelas escadas abaixo oiço em cima a mesma voz que ouvira ao entrar no quarto da doente: *dê-me o meu café*.

Saio para a rua. A rua é escura. Chama-se, até, a rua Escura. Daí a nada estou nas grandes artérias da cidade. Tudo ali gira como se nada d'isto acontecesse. Os homens e as mulheres vão atrás da vida, nas suas ocupações. E' o turbilhão.

E tudo isto que acontece seria na verdade coisa banal, se não fôsse uma coisa verdadeiramente terrível: a existência; a presença de Deus. Deus é! Deus subverte. Deus é subversivo. Que se acau-telem os homens que fazem e dão leis aos homens. O Barredo acusa o mundo. Aquela criança, enquanto pede o que é seu, acusa o Mundo... *eu quero o meu café*.

## Do que nós necessitamos

Para já, temos necessidade de berrar o bem que fazem os Medicos de Lisboa de Coimbra e do Porto, aos nossos filhos doentes. Basta chegar-lhes às mãos um gaiato de carne e osso e logo Eles os tomam por carne da sua carne. Bendito seja o Senhor Deus de Israel! Mais 300\$00 escudos de algures. Mais 50\$00 de uma mãe e 50\$00 de uma filha. Mais um senhor que não esteve com meias medidas e foi depositar nos Clérigos um pacote com 217 escovas francezas que lhe custaram 908\$00 escudos. Junta-se á quantidade a qualidade. Mais das Minas da Panasqueira um grupo de empregados manda 200\$00 escudos. Mais da *Confraternização de 1947*, 32\$80. Mais 100\$00

enunciar, pois nele se sintetisa a pobre, materialmente, por ser baseada no Evangelho vivo; mas rica de espiritualidade, a Obra da Rua.

Júlio Mendes

deixados no Lar do Porto. Mais o *Négus* do Porto, com um donativo para os pobres do Barredo. Mais cem de Alcobaça. Mais 150\$00 de uma anónima de Lisboa. Mais roupas do assinante 1671. Mais um fato. Mais duzias de peúgas de Famalicão. Mais 100\$ do Porto *por alma de meu filho Eduardo*. Mais 200\$00 escudos de Braga. Mais vinte de Peniche. Mais 80\$00 de uma subscrição entre as alunas de um colégio da Covilhã. Mais 100\$00 do ano passado com 100\$ agora soma 200\$00. São estas as contas dum Contador do Tribunal de Contas, que se lembra das suas pesadas contas. Estas palavras de Lisboa vinham dentro de um envelope juntamente com o vale de correio. Este senhor chama pesadas às nossas contas e diz bem. Não são as que custam menos aquelas que se não fazem nem se dão aos mortais; não são. O peso delas vem de dentro. A angustia delas é silenciosa. Só um acto de fé de vinte e quatro

(Continua na 3.ª Página)

# A nossa Tipografia

É um senhor que veio cá trazer 500\$00 escudos. E do Mogadouro para a Elisa Adelina enfileirar e por que conta apenas doze dias de existência, ficará sendo certamente o anjinho mais pequenino que nela toma parte. Olhe que não meu senhor; já enfileirou um com quarenta e oito horas de existência e vai na procissão. E Leiria com meia dose. E Pombal. E o Porto com 45\$00. E o assinante 2128 com 50\$00. E Lagos com nova dose de 50\$00. E Lisboa. E um médico de Galizes. E uma criada de servir manda cem escudos. E' por alma da minha senhora. O Senhor a tenha no Céu. Se todas as senhoras fossem como ela não havia criadas más. Grande verdade diz esta criada de servir. Diz bem na procissão uma pessoa de tamanho equilíbrio moral. Eu cá sou da mesma opinião. E um grupo de alunos do Liceu D. Manuel II a valer por três. E o assinante 8086 do Porto a dizer assim.

Junto um vale de trezentos escudos para a Nossa—ia dizer—Vossa—mas parece-me sem ofensa dizer Nossa Tipografia; sóa melhor.

Pela 2.ª vez me meto na procissão, e desta em agradecimento das graças e favores recebidos por ter entrado na 1.ª

Espero ainda poder voltar a entrar na cauda—atras da musica, como gostava quando era miúdo.

Mais 50\$00 da primeira prestação do meu noivo. Mais 100\$00. Mais dez placas de dez escudos do mealheiro duma professora. Mais 100\$00 de Lisboa. Mais 60\$00 do Porto. E 100\$00 da mesma terra. E metade de Coimbra. E a primeira prestação de Anha. E do assinante 1671 cem escudos. Mais esta carta:

E digo pagar, porque todos temos obrigação de tomar parte na Cruz que V. se impõe e vai pregando; com escândalo duns e admiração de muitos. Porque a Cruz repugna à fraqueza huma-

na, atemoriza mesmo os que se dizem de Cristo e ignoram a suavidade do Seu jugo. E o mundo renega o Evangelho porque o desconhece ou o conhece apenas por falsas contrafacções.

Haja quem o pregue, vivo, palpitante, autentico, e o mundo voltará a ele porque só nele existe remédio para todos os males, e palavras de vida eterna, únicas que satisfazem o coração humano.

Há muito quem fale de Cristo, quem pregue o Evangelho por palavras, mas poucos, muito poucos, que o exemplifiquem com a própria vida, quando o que urge, mais do que no concílio tridentino, tanto para sacerdotes como para os que se dizem cristãos, é uma profundíssima reforma.

Confesso também a minha culpa. A Obra da Rua, é um grito de consciência que, ouvido, salvará o mundo, ou este perecerá. Mas eu creio na misericórdia divina, no triunfo do Bem sobre o mal. Continue a ensinar o Evangelho a todos nós, e Deus fará o resto.

Todos nós devemos tomar esta carta como um grito sincero de alguém que tem alma e conhece os tempos. É um Advogado. Pela sua formação religiosa, nota-se que ele está na Banca mais para compor do que para atijar. Muitos clientes hão-de seguramente usufruir os benefícios dos seus conselhos. Ele é um pregador de Cristo. Vamos a contas.

Antes . . . . .	303.000\$00
Agora . . . . .	2.200\$00
	<hr/> 305.200\$00

Em o Do que nós necessitamos, vem um senhor do Tribunal de Contas a comentar as minhas contas. Muito me comoveu a sua enorme simpatia, tanto mais que não se ficou em palavras. Muito me comoveu.

## A Nossa Conferência

No dia 29 de Janeiro de 1950 realizou-se mais uma reunião dos rapazes da Conferência de S. Vicente de Paulo da Casa do Gaiato com assistência de todos os confrades assistente e presidente.

Rezaram-se as orações iniciais e em seguida fez-se a leitura Espiritual pelo livro. «O Visitador do Pobre». O capítulo que foi lido intitulava-se. Sem que seja necessário dinheiro podemos fazer muito bem ao pobre, até materialmente.

Seguiu-se o inquérito: Nas Miãs a pobrezinha que entrou ultimamente pediu-nos para lhe mandarmos consertar uma panela. No Corvo o pobre está pouco melhor e a outra estava a lavar a casa. No Carapinhã a pobre estava a fazer o almoço. Não levamos o lenço à pobre do Corvo por esquecimento. As pobres que entraram ultimamente ficaram muito contentes com a esmola, e por ser a primeira vez que a levávamos. Sainos mais um confrade da nossa Conferência que é o Ratinho que foi para Coimbra para um emprego. Como não havia mais nada a tratar fez-se o peditório que rendeu 20\$00 e encerrou-se a reunião com as orações habituais.

O presidente da Conferência:  
JOSÉ MARIA SARAIVA

# DO QUE NÓS NECESSITAMOS

(Continuação da 2.ª pág.)

horas por dia, é capaz de suportar o seu volume. Mais 100\$00 do Porto. Mais 100\$00 de algures. Mais 50\$00 de Viana do Castelo deixados no Lar do Porto. Mais 20\$00 para os pobres. Mais 70\$00 de Alcanena. Mais 20\$00. *resultante de uma semana sem fumar.* É um Zé. Muito deve amar este Zé a nossa Obra! Mais 50\$00 de Lisboa para os pobres. Mais 50\$00 do Fundão. Mais 100\$00 do Porto *pela passagem do primeiro aniversário do meu estremecido Esposo.* Mais azeite de uma terra ao pé de Viseu. Mais uma lata de sardinhas de conserva. Mais alguns pacotes de roupa entregues no depósito; e também outras roupas deixadas na nossa residência do Porto. Nós apreciamos sobremaneira estas ofertas caseiras. Sem elas não teríamos possibilidade de cobrir o corpo de tantos inocentes. Continuamos a pedir roupas. E fatos. Fatos usados. Nós viramos o tecido e eles ficam a espelhar. Mais uma coisa que todos os anos vem da Florentina. Mais uma mulher de Campanhã que veio aqui de propósito com uma nota de 20\$00, de uma sua vizinha, que poucos dias antes de morrer lhe encomendara este sermão. Ela cumpre e do que é seu, põe mais 5\$00. Não são heranças. Não é mão morta. É riqueza. Mais o peditório nas igrejas do Carmo, das Carmelitas e dos Clerigos. Como são juntinhas, *limpeia-as* em dois domingos: doze contos. Na dos Clerigos, vem ter comigo uma senhora, à saída. Meia idade, vestir singelo, a pele fina e cara lavada com sabão. Sabão da C. U. F. Qualquer bocado dura muito, lava muito e custa pouco. Esta senhora, enquanto me entrega um carta volumosa, diz baixinho, *os meus filhos*; e repete estas palavras quentes, convulsivas, puxadas do coração: *os meus filhos*. Vou a abrir—quatro contos. Vestir singelo. Cara lavada. Mulher de lei. De outra sorte não amaria assim: *os meus filhos*. Um dos portugueses mais ricos do Brasil, é um homenzinho que tem fabricas de pomadas e cheirinho. É o senhor das Americas. Bateu no fraco das descendentes de Eva... Tem tudo quanto quer. Até um iatel Eu já o vi; o iate, fundeado no rio Douro, nas barbas do Barredo... E tambem o vi na baía de Guanabara, mas ali não dizia mal. Estavam outros. Havia ambiente. No Barredo não!

Mais do Rio de Janeiro uma encomenda postal de açúcar. Chegou muito bem. O açúcar é muito bom. Pode continuar. No mesmo dia em que chegou andou. Nós vamo-nos remediando com o do recionamento. Outros precisam mais por não terem nenhum.

Iremos para o tempo em que o açúcar era dote de princezas? Catarina de Bragança levou algumas onças d'le no enxoval! Mais, outra vez do Rio de Janeiro, 471\$. É uma senhora brasileira. Carioca. Ela assina o famoso. Foi a sua leitura que a sacudiu! Casa-se em breve uma sua filha. Mais um lar cristão. Teremos um novo assinante também? Oxalá.

## Atenção

Quem é que pode arranjar os números 10—44—78—84? São para um senhor que morre de pena pela coleção. Tenham dôr!

# Notícias de Coimbra

1 A venda do Famoso tem rendido; desta vez venderam: Figueiredo 65 jornais e 17\$50 de acréscimos. Nelas 36 jornais e 33\$70 de acréscimos. Carequita 50 jornais e 15\$70 de acréscimos. António vendeu 22 jornais e teve 2\$20 de acréscimos. João 26 jornais e 11\$70 de acréscimos, tudo no total de 199 jornais: 79\$80 de acréscimos somou 278\$80,

2 Como os nossos leitores já sabem, andam três rapazes a estudar o curso liceal. O Carlos Inácio no 3.º ano; o Zé no 2.º e o Bruno Barros na Admissão e 1.º ano.

—O Carlos Inácio já tem capa e batina. O Bruno Barros ainda não precisa. Só o Zé Eduardo ainda não tem. O nosso Pai Américo tem sido frito por ele, para lhe dar a capa e batina, mas o Pai Américo diz que não tem dinheiro para a comprar. Haverá algum leitor amigo que não queira o Pai Américo frito e não vero Zé Eduardo triste? Para isso, bastava enviar uma capa e batina que tenha sido já servida e que esteja agora guardada no fundo de alguma mala ou a ganhar bolor na trouxa de roupa para inutilizar.

Qualquer coisa serve. O Zé Eduardo mede 1,75 e tem a envergadura de um homem médio. Vamos a ver se o nosso Pai Américo deixa de ter dores de cabeça por causa da capa e batina. Vamos a ver!

3 De tudo aquilo que nos têm deixado no meu emprego: Uma assinatura paga do Sr. Dr. Antero Lopes Belo—Alter do Chão. Com 50\$00.—Este Senhor já disse que me havia de mandar uma pasta.

Outra assinatura paga no meu emprego: Dr. Aurélio Augusto Almeida assinante n.º 5.852 de Coimbra; com 100\$00. Agora são 50\$00 do Sr. António Barreto de Chaves da R. do Norte 19 desta, para a assinatura de 1950. Agora é na auto-motora um Sr. que me dá o nome e a morada, e diz, quero ser também assinante, é ele. Augusto Nunes Pais—Pampilhosa do Botão.

Agora é a Sr.ª D. Maria de S. José Erse—Terreiro da Quinta do Arciso-Coimbra com 20\$00 para pagar o 2.º semestre da assinatura. Continu-o a esperar todos os assinantes e benfeitores da «Obra» na rua Ferreira Borges, 123. Casa Porfírio Delgado.

Mais um envelope à última da hora; é dum assinante. Contém 100\$00.

4 Há dias correu no Teatro Avenida um filme com o titulo: «A vida de S. Vicente de Paulo.» Dissemos ao Sr. Padre Manuel para irmos ver e este não recusou e arranjou-se a melhor maneira de entrarmos. O Senhor «Duque» foi e arranjou tudo: Muito temos nós a agradecer às Sr.ªs Criadas de S.ª Zita de Coimbra. Como digo foram estas Senhoras que nos deram bilhetes para entrarmos. Mais uma vez agradecemos a estas Sr.ªs e ao Sr. Director do Teatro Avenida.

ERNESTO PINTO

## PEDITÓRIOS

Andamos actualmente ocupados com eles; P.º Adriano em Lisboa e eu pelas igrejas do Norte. Mas nas missas altas tropeçamos. Tropeça ele. Tropeço eu. É impossível que não tropece da mesma sorte, qualquer outro padre que conheça e sinta a vida dos Pobres; é impossível.

De acordo. A sociedade necessita das suas reuniões, aonde a ostentação tem lugar e fica bem. Perfeitamente de acordo. Mas nas igrejas não. Deus não acredita. Não acredita naquelas presenças. Acredita, sim, nos que não vão à missa por não terem que vestir. Nessas acredita. Esta doutrina é certa. Nós temos de a pregar in nomine Domini. Os pregadores do Evangelho, não podem estar sujeitos a nada do mundo. Muito menos à poeira das bancadas da frente. Eu prego isto mesmo na cara dos que me escutam. Se nós soubessemos compreender o pensamento de Jesus, ao entrar uma vez no Templo e revoltar-se! A Mansidão revoltada!

Jesus é o mesmo. Ontem, hoje, —o Mesmo. O mundo tórvo é a revolta de Jesus. Os chamados cristãos, profanam os lugares santos.

# ISTO É A CASA DO GAIATO

**T**RÊS dos nossos mais crescidos foram malhar com os ossos na cadeia. Vieram por eles três agentes da autoridade armados e equipados. Eu tinha acabado de dizer missa e estava precisamente na minha oração de graças, quando me vieram dizer que estavam três polícias. Quiseram-me ler os autos e eu disse que não. Sabia do que se tratava. Indiquei os criminosos, que seguiram o seu destino, menos o Maximiano, que se encontrava a trabalhar no Porto. Telefonei-lhe que viesse no primeiro comboio e o rapaz assim fez. A's dezasseis chegou a nossa casa. Ele trabalha de noite. Dei-lhe uma carta, e que fosse imediatamente apresentar-se ao senhor Dr. Juís, a fim de se reunir aos seus dois companheiros na prisão. Maximiano vinha mal dormido, mas não importa. Fez numa hora sete quilómetros, entregou a carta ao Juís e reuniu-se aos seus. Uma palavra amiga deu-lhe coragem e muita confiança. Apresentou-se. Ele ia cheio de certeza; quem tem amigos não morre na cadeia. Por mim deixei-os ir, mas não larguei o telefone de mão e passados dois dias fui visitá-los. Conversamos. Animei-os. Prêguei. E vim-me embora. Mal chego a casa veio uma comissão dos mais pequenos falar em nome dos da sua igualha; eram eles o Faísca, o Risonho e o General. Começaram por me dizer que estavam ali só três, mas lá em baixo estavam muitos mais. Fui ver. A sala fundeira estava na verdade coalhada deles. A missão diz ao que vem: quer que eu vá à cadeia buscar os três rapazes: *ande vá buscar os nossos companheiros.* Conversamos, animei-os. Prêguei. Saídos que foram do escritório, eis que começam a entrar dos grandes, agora e logo, até que vieram todos. Estes falam de maneira diferente. Outra idade. Outra compreensão da vida. Há em todos um ar triste. É um pedido diferente; deixar os rapazes na prisão por alguns dias. *E' bom para eles e é bom para nós. Eles precisam e nós precisamos.*

Os três reclusos, também me falaram a seu modo; lágrimas nos olhos. A noite, pediam ao carcereiro que abrisse a porta das suas células e rezavam o terço em comum, na prisão. Isto chama-se prêgar. Ao fim de quatro dias prestei fiança e agora esperam eles na nossa aldeia o dia do julgamento.

Tudo quanto aqui se descreve é vida e luz. Os mais pequenos, porque muito amam, querem em casa os seus irmãos. Os maiores, porque muito amam, querem que eu os deixe na prisão por alguns dias. Uns julgam como crianças, outros julgam como homens, mas o amor é igual; amor que informa e cresce nas nossas comunidades. Por seu lado, os prisioneiros também cumpriram. Eles são da nossa

comunidade. Rezam connosco. Sentem com a Obra. Também eles dão lições.

Mas porque é que foram presos estes três mancebos, que o Tribunal ha-de julgar a seu tempo, — porquê?

É muito difícil fugir aos perigos, quando eles se apresentam ao pé da porta, aliciantes e vivos; é muito difícil. Eu dei-me por testemunha de defeza dos três réus. Não posso desculpá-los totalmente; eles são seres livres. Podiam ter evitado. Muitos dos nossos o fazem. Mas hei-de acusar no Tribunal; acusar o mundo; acusar as leis que deixam as lojas de vinho abertas ao domingo.



**C**ETE veio fazer o fim de semana a Paço de Sousa.

Antes de sair para o comboio vai ao refeitório. Passei por ali e vejo-o à mesa, ocupado com a segunda caneca de leite. Ele não deu fé de mim. Volta-se. Viu-me, sem temer. Limpa as gotas do canto dos lábios e exclama *oh que grande consoladela: No Porto não há disto.*

Eu alegrei-me naturalmente com a consoladela do rapaz; e pergunto-lhe como vão as coisas no Lar. Se ele obedece ao chefe eleito. Se anda direitinho. A ocasião não podia ser melhor para tais perguntas; duas canecas de leite.!

«Sim senhor. Tudo vai bem. «Já temos uma bola. Temos «equipas. O F. C. do Porto «empresta-nos o campo. V. «vai-nos dar chuteiras. Tudo «vai bem.»

Assim se despediu o Cete. Isto é maravilhoso! Pode alguém dizer que não. Que a vida não é jogar e beber canecas de leite. É verdade. Não é. Mas se vamos retirar a estes rapazes as condições de alegria, eles jamais encontram a vida. Ouvi dizer que alguns, em certa comunidade religiosa, foi proibida a leitura de «O Gaiato» porque fáz rir e prejudica a disciplina da casa. Dá pena saber destas crueldades!

**T**ELEFONE chamou. Era o chefe da estação de Recarei a dar conta de um rapaz que ali chegara a pedir bilhete, munido de 50\$00. Isto foi numa segunda feira de manhã. Logo caíram as suspeitas sobre um tal e não nos enganámos. Imediatamente seguiu o Armando com recado de agradecer e conduzir à sua casa o simpá-

## Inauguração do balneário

Já foi inaugurado o nosso balneário! No sábado à tarde, os nossos rapazes não falavam noutra coisa.

Para inaugurar, quem tomou o primeiro banho foi o Pai Américo.

Tem vinte e quatro cabines, todas com uma divisão a meio. Uma é para deixarmos a roupa, e a outra é para o banho.

Também foi feito em boa hora, porque alguns já andavam um bocado sujos com medo da água. Ela era fria. Agora já nenhum tem medo, porque a água é quente ou fria, como nós quisermos. A opinião de todos que nos visitam, e vão ver o nosso balneário, é que nem o Estádio Nacional tem coisa parecida. A parte que sobressai mais, é a parte que foi confiada e talhada pelo mestre dos carpinteiros, que todos os nossos leitores sabem, é um dos nossos rapazes. Por isso se desejarem qualquer trabalho para carpintaria ou marcenaria, é dirigirem-se ao nosso mestre de carpinteiro.

ALFREDO  
crônista da aldeia

tico fugitivo. Ele é precioso. As Comarcas de Espinho e de Estarreja e de Aveiro, sabem quem ele é. A Polícia de Segurança e Guarda Republicana também. Ele é preciso.

Mandou-se o Armando por ser um deles. Também conheceu comarcas e polícias. Tem título para ensinar o Bem, agora que o conhece. Tem título para inspirar confiança ao fugitivo. E inspirou. Logo ao sair das mãos amigas do Chefe e a pouca distância da estação, o Balalaica rapa de mais uma nota de cincoenta, que entrega ao seu companheiro: *ele cuida que é esperto mas eu sou mais.* Pelo caminho, vai dizendo que passara mal a noite de domingo para segunda, por ter duas notas na algibeira e esperar a manhã para regressar à rua... À sinceridade deste, responde a sinceridade do seu irmão, que o vai aconselhando, enquanto se dirigem a sua casa. À casa deles. Se tivesse ido um polícia, o rapaz fechava-se em copas.

Mas como é que o faltoso arranjou os 100\$00, como? Muito fácil. Domingo, dia de visitantes. Ele inteligente, insinuante, fresco das ruas, — *cumpriu o seu dever...* Acaçou o dinheiro e desandou. Pronto.

Houve tribunal, desta vez na nossa capela. Tornava-se necessário que Outro falasse pelas minhas palavras, em virtude da categoria do criminoso. À pergunta se ele sabe aonde está Deus, o rapaz responde que sim; que está em toda a parte. Dizes bem. *Estava em Recarei. E se de novo ten-*

*tas fugir, Ele de novo te aparece ao caminho.* O rapaz escuta e vai-se aproximando de mim, sem dar por isso. Eu continuo com a lição da presença de Deus. É a verdade. A outra verdade que o rapaz conhece por experiência, também influi no seu espírito; a cama lavada, o caldo bem feito, o leite docinho. Quando dei fé, tinha ele subido os degraus do altar, aonde me cinje com lágrimas e beija as minhas mãos!

Habitante dos calaboiços, companheiro de ladrões, sem pai que lhe desse um nome, sem peitos nem berço nem casa, esta Criança quer amar. Porquê? Porque se sente amada.



O Faísca na sua convalescência. Ele esteve muito doente...

**M**AIS Faísca. Mais coisas do Faísca. Os senhores querem saber aonde e como é que ele confere o dinheiro do jornal, nos dias de venda? Querem saber? Eu digo: Faísca, quando tal, dirige-se aos Aliados, entra no Banco Espírito Santo, abre a porta do gabinete

da gerência, senta-se ao fundo de costas voltadas ós senhores e cara á parede. Abre a saca, despeja o dinheiro, confere, torna a meter na saca e vai-se embora. Isto é soberbo! Um garoto da rua, senhor do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa!

E já agora vai aqui uma idêntica do Pirulas. Pirulas, como é sabido dos meus leitores, encontra-se nos serviços domésticos do Lar do Porto. Ele já esteve empregado sim, mas... Esperemos a sua hora. Um dia destes, tendo eu ido ao Porto e entrado no Espelho da Moda, vejo Pirulas de risca e fato domingueiro, dentro do estabelecimento, a mirar. Estranhei e perguntei. *Estou na minha hora de recreio.* Outra coisa soberba, O Pirulas, senhor do mais acreditado estabelecimento de Modas do País!

Isto é um perigo.

**A** minha humilde pessoa foi há dias reclamada no hospital, pelos doentes. *Fulano que venha cá.*

O fulano era eu. Fui. Os doentes estavam todos contra o Molestia. O Molestia é o enfermeiro e, p'los jeitos, não lhes tinha dado merenda naquele dia. *Estamos sem merenda. Ele não faz caso da gente.*

Do que eu mais gostei foi deles reclamarem a merenda. Enquanto assim fôr, ninguém



O Molestia. É muito falado e muito procurado na aldeia. É especializado em *creadelas*. Já me curou uma no hospital. Viva o Molestia.

tema pelos nossos doentes. O pior é quando eles não querem comer; quando me veem dizer que fulano não quer a merenda. Isso é que me doil!

Molestia é quem costuma ir ao Porto com os mais pequeninos, quando algum necessita cuidados de medicos especialistas. No regresso, dá contas do dinheiro e contas do que por lá ouviu. Todos gostam dos nossos mais pequeninos, e querem pegar neles o colo. É a paixão; o amor supletivo. O que as mães lhes não deram, outros o querem fazer. Nós somos todos irmãos. É o mistério da Incarnação, que ninguém compreende sim, mas vive-se. Todo aquele que nos comboios e nas ruas e nos consultórios faz carícias a um d'estes engeitados, esse mesmo, ateu que se diga, afirma o mistério da Incarnação!